

Revista Mídia e Cotidiano
ISSN: 2178-602X
Artigo Seção Livre
Volume 14, Número 3, set./dez. de 2020
Submetido em: 28/01/2020
Aprovado em: 01/07/2020

A encenação midiática da política no filme *O processo*

Mediatic political staging in the film O processo

La escenificación mediática de la política en la película O proceso

Márcio ZANETTI NEGRINI¹
Cristiane FREITAS GUTFREIND²
Helena Maria ANTONINE STIGGER³

Resumo

Analisamos como o filme *O processo* (2018), dirigido por Maria Augusta Ramos, cria um ponto de vista sobre o impeachment de Dilma Rousseff. Para isso, realizamos a desconstrução da montagem, pontuando três particularidades: a deflagração do impeachment; a defesa político-jurídica; a disputa entre grupos conservadores e progressistas. Tais aspectos são atravessados por um traço em comum: as correlações entre as imagens de diferentes mídias e as imagens do filme, produzindo no documentário a visualidade da imagem dentro da imagem. Assim, enquanto documento de uma época, o longa-metragem revela o transcurso do golpe parlamentar como a encenação midiática da política.

Palavras-chave: Encenação midiática da política. Golpe Parlamentar. *O processo*.

Abstract

In this paper, we analyze how the film *O Processo* (2018), directed by Maria Augusta Ramos creates one point of view regarding Dilma Rousseff's impeachment. For that end, we deconstruct the film's editing, punctuating three singularities: the triggering of the impeachment; the legal and political defense; the dispute between conservative and progressive groups. A common trace crosses these aspects: the correlations between images from different media and the film's own images, producing the visuality of image

¹ Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM/PUCRS). Pesquisador vinculado ao Grupo de Pesquisa Cinema e Audiovisual: Comunicação, Estética e Política (Kinepoliticom/CNPq). E-mail: marciognegrini@gmail.com. ORCID: 0000-0003-1274-9732.

² Doutora em Sociologia pela Universidade de Paris 5 (René Descartes, Sorbonne). Professora titular e coordenadora do PPGCOM/PUCRS. Líder do Kinepoliticom e bolsista de produtividade do CNPq. E-mail: cristianefreitas@pucrs.br. ORCID: 0000-0001-7333-3146.

³ Doutora pelo PPGCOM/PUCRS e professora do Curso de Produção Audiovisual da PUCRS. E-mail: helena.stigger@pucrs.br. ORCID: 0000-0002-4016-2253

within image in the documentary. In that manner, as documentation of a period in time, the feature reveals the course of the legislative coup as a mediatic political staging.

Keywords: Mediatic political staging. Dilma Rousseff's impeachment. *O processo*.

Resumen

Nosotros analizamos cómo la película *O processo* (2018), de la directora Maria Augusta Ramos, crea una perspectiva sobre el *impeachment* de la presidente Dilma Rousseff. Para eso, realizamos la deconstrucción del montaje presentando tres características: la deflagración de la impugnación, la defensa político-legal y la disputa entre grupos políticos conservadores y progresistas. Estos aspectos tienen una particularidad en común: las correspondencias entre las imágenes de diferentes medios y las imágenes de la película crean la visualidad de la imagen dentro de la imagen. Por lo tanto, como documento de una época el largometraje presenta el transcurrir del golpe parlamentario cómo una escenificación mediática de la política.

Palabras clave: Escenificación mediática de la política. Golpe parlamentario. *O processo*.

Introdução

Em 2016, o impeachment de Dilma Rousseff colocou em primeiro plano as imagens de diferentes atores políticos. No processo para deposição da Presidente acompanhamos através da televisão e das redes sociais digitais os discursos de parlamentares opositores, por vezes, efusivos quanto à defesa da moralidade política. Parcela dos congressistas imputava ao partido governista a centralidade dos escândalos de corrupção, que marcaram aquele contexto sociopolítico. Assim, o governo de Dilma Rousseff e o Partido dos Trabalhadores (PT) estariam diretamente implicados numa espécie de derrocada do sistema político, que foi estabelecido desde a Constituição de 1988.

Nas ruas, setores da sociedade mobilizaram-se em grandes manifestações de apoio ou repúdio ao impeachment. Naquele período, notabilizou-se a disseminação de imagens nas redes sociais, visibilizando narrativas de ódio direcionadas ao PT e à Presidente. Em parte, essas imagens apresentavam apologias misóginas além de exaltações contrárias à afirmatividade de grupos minoritários. A polarização da sociedade foi propagada através das imagens, desse modo, grandes atos de rua estiveram a serviço da espetacularização midiática da política. A corrupção como escândalo político-

mediático tornou-se traço preponderante do cotidiano brasileiro daquele momento, tanto em relação às notícias disseminadas pelos meios de comunicação tradicionais, quanto pela circulação de imagens e textos em redes sociais digitais.

Segundo Alain Badiou (2017), na contemporaneidade, a comprovação do crime de corrupção é o escândalo mostrado como semelhança da prova jurídica, produzindo o falseamento da realidade. Para o autor, a corrupção como intrínseca ao modo de ser da economia no capitalismo atual torna-se um efeito de exceção na forma do escândalo mediático. Nesse sentido, as encenações midiáticas apresentadas enquanto instantaneidade dos fatos produzem totalizações da realidade social; sobretudo, a impressão de concomitância do acesso ao factual vincula-se à veracidade do ocorrido.

Por outro lado, no cinema, as imagens que se fazem presentes são aquelas que aparecem como vestígios. Isto é, a montagem cinematográfica acontece imageticamente na relação entre a perda e a criação de sentidos. Como as imagens oníricas, esmaecidas ao despertar, as imagens que se fazem atuais pela montagem são aquelas que restam. Na perspectiva de Georges Didi-Huberman (2017), a temporalidade das imagens que sobrevivem e se fazem presentes revela a intensidade da correlação passado-presente. Em outras palavras, esse instante “anacrônico” é o entremeio no qual acontece a legibilidade histórica.

Segundo Didi-Huberman (2015, p. 23), o “anacronismo” mostra-se na relação criativa entre a imagem e a história; assim, o autor propõe uma posição estratégica diante da imagem de modo que o observador atente para a atuação dos diferenciais do tempo em cada imagem. Ou seja, o “anacronismo” advém da “[...] montagem de tempos heterogêneos [...]”. Nesse sentido, podemos dizer que as imagens do cinema possuem lugar privilegiado, ressignificando imagens produzidas e propagadas na dinâmica instantânea do atual contexto tecnológico e mediático. É assim que compreendemos o papel do cinema na organização da memória e dos saberes sobre um acontecimento político emblemático como o golpe parlamentar de 2016.

Filmes brasileiros dedicaram-se aos registros de acontecimentos relacionados ao impeachment de Dilma Rousseff, criando ao longo dos últimos anos diferentes estratégias narrativas apresentadas através de documentários. Longas-metragens como *O Muro* (Lula Buarque de Holanda, 2017), *Excelentíssimos* (Douglas Duarte, 2018), *Já vimos esse filme*

(Boca Migotto, 2018), *O processo* (Maria Augusta Ramos, 2018) e *Democracia em vertigem* (Petra Costa, 2019) são representativos da busca cinematográfica pela compreensão das circunstâncias que levaram ao golpe parlamentar. Em comum, os documentários oferecem contraponto à perspectiva do impeachment legitimado por questões técnico-fiscais relacionadas à gestão econômica da governante petista.

Nesse conjunto de filmes, *O processo*⁴ chama especialmente atenção ao destacar o protagonismo das imagens midiáticas no contexto em que o golpe foi deflagrado, enfatizando a produção dessas imagens. O longa-metragem sobressai os bastidores da defesa e da acusação político-jurídica de Dilma Rousseff, revelando o trabalho da imprensa e dos sujeitos ocupados em disseminar imagens nas redes sociais. Além disso, o documentário recorre às imagens produzidas pelas televisões públicas vinculadas ao Congresso Nacional.

A partir dessa diversidade de registros que destacam a produção imagética vinculada ao golpe parlamentar, *O processo* sugere que o andamento do impeachment se caracterizou pela forma político-jurídica encenada midiaticamente. A deposição de Dilma Rousseff seria inevitável, conforme reconhecem seus aliados para as imagens do documentário. Portanto, a defesa político-jurídica transcorre segundo uma elaboração narrativa em apoio ao legado da Presidente e de seu partido; assim, o filme de Maria Augusta Ramos mostra-se como partícipe dessa construção.

De acordo com Siegfried Kracauer (2001), entendemos que as imagens cinematográficas revelam as relações sociais inscritas na espessura do mundo físico. Conforme o autor, os filmes amplificam nossa capacidade de observar e compreender a realidade social. É nessa perspectiva que *O processo* se apresenta enquanto documento de uma época, revelando o decurso do golpe parlamentar como uma encenação midiática

⁴ Trata-se do 18º filme, entre curtas e longas-metragens, da diretora brasileira Maria Augusta Ramos. Além da direção, Maria Augusta assina o roteiro e a produção executiva do documentário. Ao longo de 2018, *O Processo* obteve indicações e prêmios nos seguintes festivais de cinema: Berlinale – Berlim (prêmio do público na Mostra Panorama); Visions du Réel – Suíça (grande prêmio de melhor filme); Festival IndieLisboa – Portugal (melhor filme da Mostra Silvestre); Documenta Madrid Festival – Espanha (melhor filme); Festival Internacional de Documentários de Buenos Aires – Argentina (melhor filme); Filmer Le Travail – França (melhor filme); Prêmio Sesc 2018 – Brasil (melhor documentário pela crítica e prêmio do público); Festival de Cinema de Havana – Cuba (prêmio especial do júri); Prêmio Ibero-Americano de Cinema Fênix – Cidade do México (indicação para melhor documentário) (*O PROCESSO*, 2019).

da política. O longa-metragem evidencia como nossa sociedade relaciona-se com a produção e a circulação de imagens num contexto tecnológico marcado pela instantaneidade da informação e da comunicação digital; dessa maneira, podemos entender como essas imagens estão implicadas num acontecimento político que marca a história contemporânea do país.

Em vista disso, realizamos a desconstrução da montagem fílmica, pontuando três particularidades: a deflagração do impeachment; a defesa político-jurídica; a disputa entre grupos conservadores e progressistas. Esses aspectos são atravessados por traço em comum: a correlação das diferentes imagens produzidas para televisão e redes sociais com as imagens do filme que, por sua vez, cria a visualidade da imagem dentro da imagem.

A deflagração do impeachment e o escândalo de corrupção

Em *O processo*, a encenação político-midiática do escândalo de corrupção é vista através das imagens da votação pela abertura do impeachment na Câmara de Deputados. O documentário justapõe imagens filmadas na área externa à Assembleia Nacional àquelas realizadas no plenário, e imagens da sessão parlamentar que foram apropriadas da *TV Câmara*.

Durante o discurso de um deputado a favor da abertura do processo para cassação presidencial, o enquadramento em primeiro plano destaca a presença de um smartphone que registra o momento, possivelmente para difundir imagens nas redes sociais do parlamentar (Figura 1)⁵. O deputado enfatiza que a deposição de Dilma Rousseff está a serviço do combate à corrupção no âmbito das acusações imputadas ao PT pela *Operação Lava Jato*⁶.

⁵ Nos últimos anos, os vídeos gravados para compartilhamento e as transmissões ao vivo realizadas por parlamentares youtubers, durante seus pronunciamentos no plenário da Câmara de Deputados, tornaram-se acentuado. A partir das eleições de 2018, a prática mostra-se corriqueira para aqueles que desejam estabelecer comunicação imediata com sua base eleitoral on-line. Na toada do procedimento adotado por Jair Bolsonaro durante e após o pleito presidencial, deputados do PSL (Partido Social Liberal) destacam-se pela recorrência do registro em vídeo de seus discursos, por vezes, constringendo o decurso das sessões parlamentares (FOLHA..., 2019).

⁶ Iniciada em março de 2014, ainda em atividade, a força tarefa batizada de Operação Lava Jato acumula quase 70 fases com investigações empreendidas pela Polícia Federal, averiguando possíveis casos de

Figure 1 – Cenas do filme *O processo*



Fonte: Adaptado do filme *O processo*. Tempo: 7'33''– 7'51''.

Ao primeiro plano do parlamentar enquadrado próximo à imagem luminosa do smartphone, a montagem do documentário sobrepõe outra imagem que foi produzida na área externa à Assembleia Nacional (Figura 2). Observamos o plano de conjunto da parcela dos manifestantes que se mostra efusiva em prol do impeachment. Nesse registro que causa efeito flagrante quanto ao momento de entusiasmo, notamos o brilho das telas de smartphones e do telão que retransmite ao vivo as imagens televisivas do plenário. Notadamente, as vestes, bandeiras e cartazes sugerem uma espécie de torcida pela seleção brasileira em dias de campeonato futebolístico. A presença do telão com imagens ao vivo e a vibração a cada novo voto pelo impeachment intensificam essa impressão.

corrupção, que envolvem partidos políticos, membros de governos e dirigentes empresariais. A partir de junho de 2019, o site jornalístico *The Intercept_ Brasil* passou a publicar conjuntamente a outros veículos de imprensa série de reportagens investigativas, denominada *Vaza Jato*; assim, revelando o expediente processual da operação quanto à indevida colaboração entre as instâncias julgadora e acusatória, nomeadamente o juiz federal do Paraná Sérgio Moro – atual ministro da Justiça do governo de Jair Bolsonaro – e membros do Ministério Público Federal do mesmo estado, especialmente, o procurador Deltan Dallagnol. Em suma, junto ao Ministério Público e à Polícia Federal o ex-juiz apontou testemunha que poderia incriminar Lula, atuou para alterar ordem de investigação e antecipou veredito, além de pautar a espetacularização midiática de buscas, apreensões e prisões coercitivas (THE INTERCEPT..., 2019).

Figure 2 – Cenas do filme *O processo*



Fonte: Adaptado do filme *O processo*. Tempo: 07'52''– 07'55''.

A partir disso, a montagem recorre às imagens internas do plenário da Câmara de Deputados; utiliza tanto aquelas produzidas pela equipe do documentário, quanto as imagens televisionadas pela *TV Câmara*⁷ (Figura 3). Avistamos a comoção dos deputados opositores que comemoram o voto pelo impeachment, flamulando bandeiras do Brasil e ostentando cartazes em repúdio a Dilma Rousseff e ao seu partido. Além disso, observamos as telas brilhantes dos smartphones que registram os acontecimentos, sugerindo o compartilhamento instantâneo dos fatos nas redes sociais.

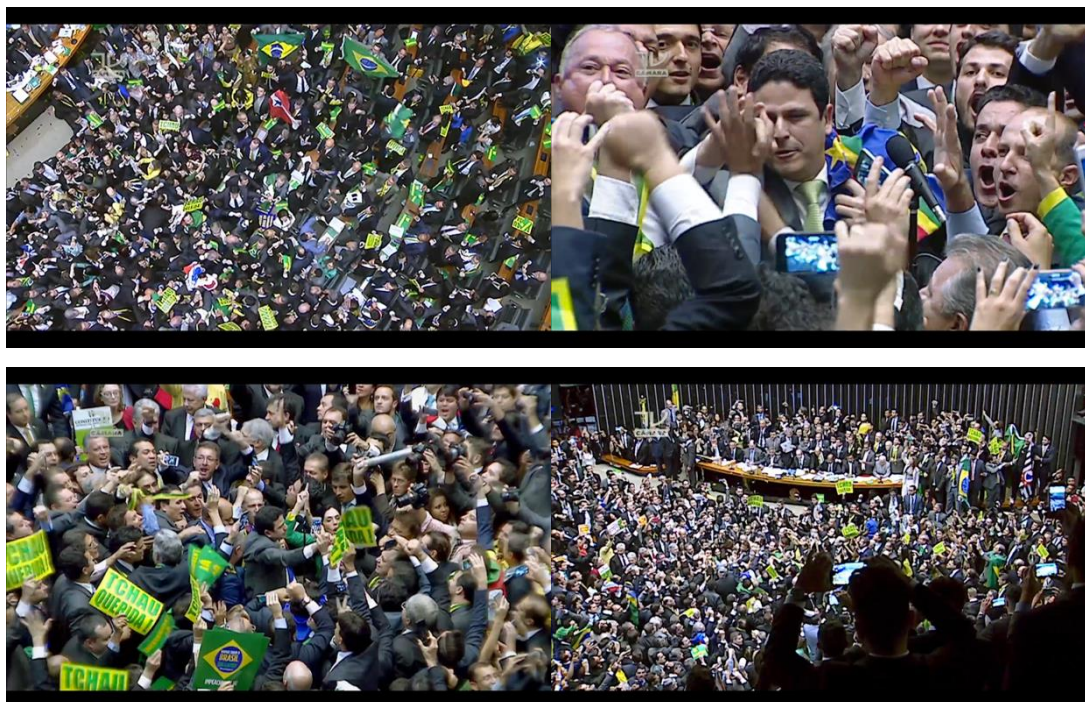
Embora vídeos realizados através das câmeras de smartphones possam ser gravados para posterior publicação, em *O processo* as imagens das telas desses aparatos sugerem a instantaneidade da transmissão de imagens, que foram produzidas pelos sujeitos presentes na votação para abertura do impeachment. Isso ocorre porque o documentário apresenta imagens que flagram os smartphones, recorrendo às imagens de arquivo que inicialmente foram transmitidas ao vivo pela *TV Câmara*.

Dessa maneira, o filme de Maria Augusta Ramos chama atenção para a imagem dentro da imagem através da múltipla temporalidade dos registros imagéticos; portanto, a elaboração das imagens pela montagem do filme aparece em contraponto à simultaneidade entre a produção e a difusão de imagens no transcurso do impeachment. O “anacronismo” (DIDI-HUBERMAN, 2015) das imagens “ao vivo” da *TV Câmara* revela a atualidade dessas imagens como crítica à encenação midiática da política. Assim,

⁷ Essas imagens são identificadas pelo logotipo da *TV Câmara*.

a sobredeterminação das imagens de *O processo* compõe novas imagens, criando um documento cinematográfico sobre o golpe parlamentar de 2016.

Figure 3 – Cenas do filmem *O processo*



Fonte: adaptado do filme *O processo*. Tempo: 7'56'' – 8'25''.

Em vista disso, o documentário mostra que o escândalo político-midiático – próprio às circunstâncias atuais da vivência política brasileira – se torna visível através de imagens que sugerem o “ao vivo” como a expressão da realidade dos fatos. Esse aspecto transforma os episódios políticos em encenações efetuadas para o contexto de instantaneidade das informações; assim, observamos o presente como a impressão de uma totalidade que projeta o imediatismo factual enquanto a veracidade sobre os acontecimentos.

Desse modo, *O processo* revela o “ao vivo” implicado no compartilhamento de imagens nas redes sociais como uma espetacularização da política, que impõe a veracidade dos fatos pela negação da imagem enquanto limiar entre presente e passado. É nesse sentido que a temporalidade da montagem do filme elabora um contrarritmo como “[...] ritmo de tempos heterogêneos sincopando o ritmo da história [...]”. É assim que se

encontram o agora e o outrora [...]. O aspecto propriamente dialético dessa visão se deve ao choque dos tempos na história” (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 129).

Com efeito, o longa-metragem sugere o rito pelo impeachment na Câmara de Deputados como um procedimento enredado na própria forma; isto é, como a encenação do presente que se mostra “ao vivo” de modo a pressupor a totalização do tempo na história. Portanto, o escândalo de corrupção denunciado pelo deputado federal em seu voto pela cassação da Presidente mostra-se como uma simulação da realidade (Figura 3) – vinculada à impressão de presente causada pelas imagens “ao vivo”.

A defesa político-jurídica e a encenação midiática

A partir da deflagração do processo de impeachment pela Câmara de Deputados, o documentário apresenta imagens dos bastidores da Comissão Especial de Impeachment (CEI) no Senado. O transcurso das sessões aparece como encenação para as câmeras, tanto da *TV Senado*, quanto de outros veículos jornalísticos credenciados para cobertura das reuniões. Destacam-se atuações para as câmeras de smartphones que servem à difusão de versões sobre os acontecimentos nas redes sociais.

O longa-metragem revela imagens dos instantes que antecedem a sessão dedicada às alegações dos advogados de acusação e defesa; observamos a presença de senadores, assessores e cinegrafistas. O filme sobressai à imagem de Janaina Paschoal, que foi uma das personagens centrais para abertura do processo de impeachment⁸. Avistamos a advogada de acusação alongando-se atrás de uma câmera de televisão.

⁸ Além de Paschoal, o advogado Miguel Reale Júnior e o procurador aposentado Hélio Bicudo assinam a peça processual.

Figure 4 – Cenas do filme *O processo*



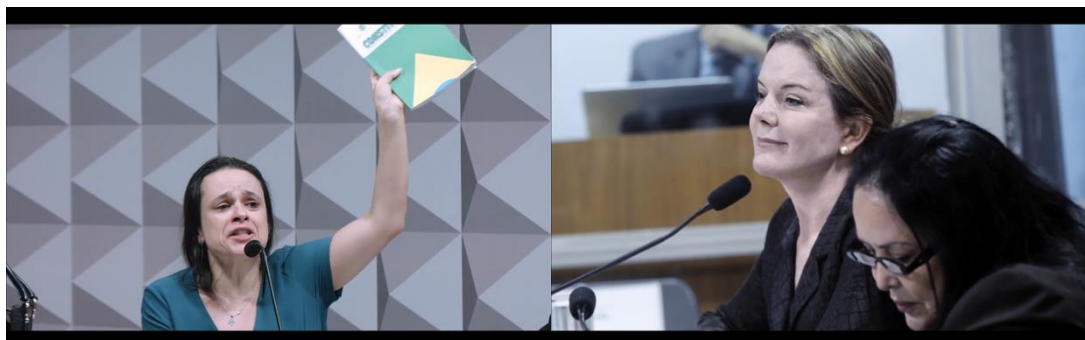
Fonte: Adaptado do filme *O processo*. Tempo: 19'43'' – 20'07''.

O processo mostra os preparativos da advogada para encenação que, em poucos instantes, será realizada ao vivo diante das câmeras de televisão. As imagens produzidas para o filme de Maria Augusta Ramos intensificam a perspectiva de que os acontecimentos da reunião se caracterizam como uma encenação midiática – expressando a imagem dentro da imagem.

Após o flagrante de Janaína preparando-se para entrada em cena avistamos a performance da advogada frente ao plenário. A dramaticidade da voz embargada e as pausas na fala intensificam os propósitos da atuação. Para acentuar a artificialidade dramática da advogada frente às câmeras a montagem fílmica contrapõe as feições melodramáticas de Janaína Paschoal⁹ à expressão sorridente de Gleisi Hoffmann – naquela época senadora e presidente do PT até a atualidade.

⁹ Atualmente, Janaína Paschoal é professora universitária licenciada para o exercício do mandato como deputada estadual de São Paulo. Sua atuação frente ao impeachment favoreceu as condições de visibilidade pública para eleição ao cargo legislativo pelo Partido Social Liberal. Notadamente, a advogada apoiou o pleito de Jair Bolsonaro – agora sem partido – à presidência em candidatura do PSL. No transcurso da votação que designou a abertura do processo para cassação do mandato da Presidente, Jair Bolsonaro, então deputado federal, proferiu seu voto contra a governante em saudação ao torturador de Dilma Rousseff durante a Ditadura Militar.

Figure 5 – Cenas do filme *O processo*



Fonte: Adaptado do filme *O processo*. Tempo: 20'20'' – 23'47''.

No pronunciamento a advogada pede perdão a Dilma Rousseff, revelando que sua motivação particular para o pedido de impeachment teve em consideração o futuro do país e dos netos da Presidente. Através dessa oposição entre as imagens (figura 5), o documentário cria um efeito de ironia quanto à desfaçatez de Janaína Paschoal frente às câmeras. A montagem intensifica a perspectiva do filme que aponta para os argumentos acusatórios servirem à encenação midiática do escândalo de corrupção – nesse caso, vinculado ao argumento jurídico sobre a responsabilidade fiscal da governante petista.

As chamadas “pedaladas fiscais” de Dilma Rousseff serviram à justificativa para cassação de seu mandato, porém não caracterizavam procedimento inédito a exemplo de seus antecessores. Além disso, o efetivo descumprimento das leis orçamentária e de improbidade administrativa era questionado pela defesa político-jurídica da Presidente. Alçando as imagens daquela sessão da Comissão Especial de Impeachment ao tempo, *O processo* constrói seu ponto de vista como um documento para a história; assim, revelando a encenação político-midiática como traço da acusação jurídica de Dilma Rousseff e particularidade de uma época.

A disputa midiática entre grupos conservadores e progressistas

O processo mostra a mobilização de um grupo formado principalmente por mulheres, em apoio à Dilma Rousseff. A Presidente desce a rampa do Palácio do Planalto ao encontro das manifestantes que entoam “Dilma guerreira da pátria brasileira”. As participantes entregam rosas à estadista que se oferece aos abraços das apoiadoras. Nesta sequência, destacam-se tanto cinegrafistas e fotógrafos profissionais, que acompanham

Dilma em seu trajeto, quanto os smartphones empunhados pelas integrantes da homenagem. As mulheres direcionam suas câmeras à governante e uma delas consegue produzir uma *self* junto à petista.

Figure 6 – Cenas do filme *O processo*



Fonte: Adaptado do filme *O processo*. Tempo: 17'37'' – 18'55''.

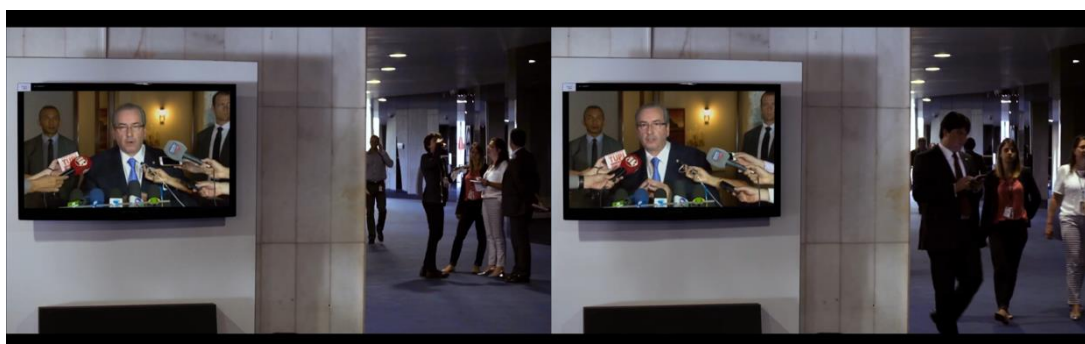
A emoção que marca o encontro entre a Presidente e suas apoiadoras é intensificada pelo desejo de que o momento seja registrado e compartilhado – através das câmeras de smartphones e das redes sociais digitais. Há, portanto, a notoriedade das imagens impulsionadas pelas mulheres como produção imagética dos acontecimentos relacionados ao golpe parlamentar; a sugestão da presença dessas imagens no documentário acontece devido às telas luminosas dos aparatos móveis.

Dessa maneira, as imagens de redes sociais encontram-se simbolicamente presentes nas imagens do longa-metragem; assim, atuando a serviço da construção de uma narrativa progressista enquanto encenação midiática da resistência ao golpe parlamentar. De fato, criando contraponto ao conservadorismo que intentava se estabelecer no domínio do governo federal. Diante da exacerbação do presente em imagens de redes sociais, as imagens da montagem fílmica elaboram os acontecimentos políticos, criando um documento imagético-cinematográfico para a história.

Nesse sentido, o documentário mostra a coletiva de imprensa concedida pelo então deputado federal Eduardo Cunha que, enquanto presidente da Câmara, se colocou como um dos personagens centrais na articulação que deflagrou o processo de

impeachment¹⁰. Durante a entrevista, avistamos Eduardo Cunha através de imagens exibidas num televisor fixado à parede de uma das antessalas do Congresso Nacional. O deputado exime-se das acusações de corrupção que o afastaram da presidência da Câmara.

Figure 7 – Cenas do filme *O processo*



Fonte: Adaptado do filme *O processo*. Tempo: 30'50'' – 31'14''.

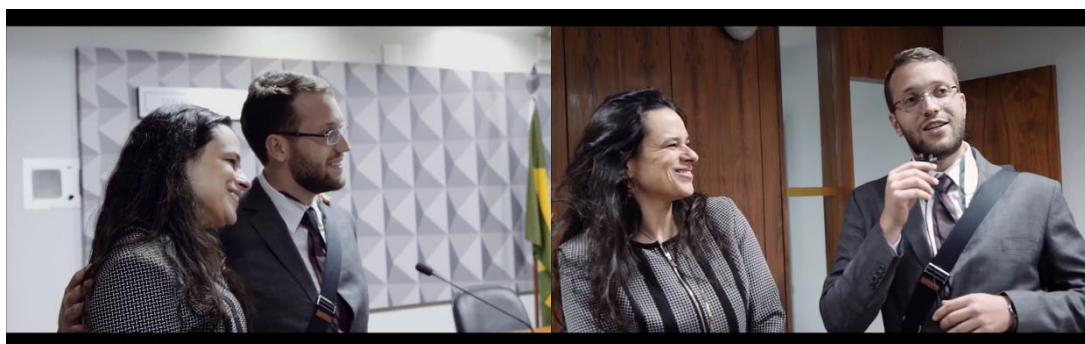
Enquanto vemos as imagens televisionadas de Eduardo Cunha também notamos a naturalidade com a qual assessores parlamentares, repórteres e funcionários de manutenção transitam pelos corredores do Congresso. As imagens transmitidas pela televisão aparecem dentro da imagem fílmica, sobressaindo os bastidores do Congresso Nacional; assim, observamos a encenação político-midiática interpretada pelo ex-presidente da Câmara dos Deputados. O contraponto produzido entre as imagens da televisão e a espontaneidade dos sujeitos que circulam pelo corredor da casa legislativa sugere a atuação de Eduardo Cunha frente às câmeras como falaciosa.

De maneira a enfatizar as disputas entre narrativas midiáticas progressistas e conservadoras, o filme apresenta outra sequência protagonizada pela advogada Janaína

¹⁰ Filiado ao então Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Eduardo Cunha teve seu mandato como presidente da Câmara de Deputados cassado pelo plenário da casa legislativa logo após a deposição de Dilma Rousseff. Deputado desde 2003, com atuação destacada nas pautas conservadoras da bancada evangélica, teve suas prerrogativas parlamentares cassadas pelo Supremo Tribunal Federal. Foi preso preventivamente no âmbito da *Operação Lava Jato*, em 2016, posteriormente condenado a 14 anos e seis meses de prisão pelos crimes de corrupção passiva, lavagem de dinheiro e evasão de divisas – segunda instância, em 2017. Já no contexto de investigações relacionadas a desvios financeiros na Caixa Econômica Federal, Cunha foi condenado a 24 anos e 10 meses de prisão pelos crimes de corrupção ativa, lavagem de dinheiro e violação de sigilo funcional – primeira instância, em 2018 (FOLHA..., 2017; 2018).

Pachoal, desta vez, junto a Felipe Barros¹¹ – vereador da cidade de Londrina. Inicialmente, eles posam abraçados para uma fotografia realizada através do smartphone de Barros. Em seguida, o vereador pede à advogada para gravar vídeo direcionado aos paranaenses que o acompanham nas redes sociais.

Figure 8 – Cenas do filme *O processo*



Fonte: Adaptado do filme *O processo*. Tempo: 31'46''– 33'14''.

Janaína Paschoal realiza seu depoimento apontando para o impeachment como parte de um processo mais amplo de moralização da política. A advogada agradece as orações do público e, ao final da gravação, recebe um abraço do vereador que enfatiza o fato de seus conterrâneos estarem orando para o êxito de Janaína Paschoal. A imagem dentro da imagem aparece pela evocação que o documentário faz quanto às imagens que circulam nas redes sociais. Desse modo, o filme destaca uma perspectiva que confere suposta legitimidade ao impeachment enquanto fiador da moralidade política; o conservadorismo de âmbito religioso mostra-se como recurso simbólico desse intento.

Por outro lado, *O processo* revela imagens de uma reunião entre a Presidente e representantes estrangeiros mobilizados em seu apoio. A estadista relata o conflito de versões atribuídas ao seu estado emocional no transcurso do golpe parlamentar – especialmente o fato de não ter sucumbido à renúncia.

¹¹ Vinculado ao movimento de direita paranaense, elegeu-se vereador pelo Republicanos, em 2016. Atualmente é deputado federal pelo PSL.

Figure 9 – Cenas do filme *O processo*



Fonte: Adaptado do filme *O processo*. Tempo: 54'26'' – 55'32''.

Enquanto observamos Dilma Rousseff em primeiro plano avistamos um cinegrafista posicionado atrás da governante, registrando as imagens dos ouvintes. A câmera do documentário encontra-se imediatamente à frente do outro aparato cinematográfico; desse modo, a Presidente alterna olhares entre os interlocutores e a câmera de *O processo*.

No limiar entre as câmeras que se entrecruzam e o olhar de Dilma Rousseff, compreendemos a atuação imagética do filme de Maria Augusta Ramos. Em *O processo*, o “agora” implicado na atualidade das imagens que compõem a montagem fílmica – portanto o filme como documento imagético atuante na história – encontra com o “outro” de sua produção através da imagem do cinegrafista posicionado frente à câmera do documentário. Nesse instante, o longa-metragem sobressai o seu processo de realização, destacando o “anacronismo” (DIDI-HUBERMAN, 2015) da imagem dentro da imagem. *O processo* evidencia a disputa política através da encenação midiática, colocando a si mesmo como parte da narrativa sobre o golpe contra a democracia ocorrido em 2016.

Considerações finais

Em um novo ciclo de retrocessos democráticos – que reaviva a experiência traumática do passado autoritário brasileiro – *O processo* suscita a discussão sobre o protagonismo das imagens produzidas por diferentes mídias, oferecendo a perspectiva das imagens cinematográficas.

A temporalidade das imagens do documentário está inscrita na tensão entre o presente e o passado, segundo uma particularidade da montagem fílmica. Ao sobressair diferentes imagens midiáticas através de sua montagem *O processo* produz uma “visualidade anacrônica” (DIDI-HUBERMAN, 2015). Isto é, o filme enquanto documento imagético antagoniza com imagens marcadas pela instantaneidade do “ao vivo”, propriedade essa relacionada à televisão e às redes sociais.

Para isso, o documentário evoca através de suas imagens a produção e a difusão de diferentes imagens midiáticas relacionadas ao decurso do impeachment de Dilma Rousseff, destacando câmeras e telas de smartphone e de televisão. É dessa maneira que *O processo* opera na elaboração de imagens que, repetidas à exaustão no período do golpe, estariam fadadas ao esvaziamento de sentidos e ao esquecimento. O filme cria um jogo entre temporalidades, reavivando distintas imagens midiáticas e destacando os seus contextos de produção e circulação. Assim, o longa-metragem revela a encenação midiática da política como característica de um momento histórico e sua consequência no golpe parlamentar. Sobretudo, o documentário implica-se como partícipe na construção de um ponto de vista sobre os acontecimentos políticos.

Ao chamar atenção para imagem dentro da imagem o filme de Maria Augusta Ramos apresenta-se como documento de uma época (KRACAUER, 2001), oferecendo contraponto à efemeridade da incessante difusão de imagens midiáticas através da elaboração criativa das imagens do cinema. Em suma, o filme como agente de memória coloca-se a serviço da organização dos saberes frente aos desafios democráticos do futuro.

Referências

BADIOU, A. **Em busca do real perdido**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DIDI-HUBERMAN, G. **Quando as imagens tomam posição: o olho da história I**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

_____. **Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

FOLHA DE SÃO PAULO. Deputados ‘youtubers’ irritam colegas e escancaram desordem de base aliada. *Jornal Folha de São Paulo on-line*, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/05/deputados-youtubers-irritam-colegas-e-escancaram-desordem-de-base-aliada.shtml>. Acesso em: 16 ago. 2019.

_____. Eduardo Cunha tem pena reduzida na segunda instância. *Jornal Folha de São Paulo on-line*, 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/11/1936980-eduardo-cunha-tem-pena-reduzida-na-segunda-instancia.shtml>. Acesso em: 26 jan. 2020.

_____. Juiz federal condena Eduardo Cunha a 24 anos de prisão por desvios na Caixa. *Jornal Folha de São Paulo on-line*, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/06/juiz-federal-condena-eduardo-cunha-a-24-anos-de-prisao-por-desvios-na-caixa.shtml>. Acesso em: 26 jan. 2020.

KRACAUER, S. **Teoría del cine**. Barcelona: Paidós Ibérica, 2001.

O PROCESSO. **Filmografia de Maria Augusta Ramos**. Disponível em: <https://www.maria-ramos.com/maria-augusta-ramos-2/>. Acesso em: 16 ago. 2019.

THE INTERCEPT BRASIL. **Como e por que o Intercept está publicando chats privados sobre a Lava Jato e Sergio Moro**. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/06/09/editorial-chats-telegram-lava-jato-moro/>. Acesso em: 16 ago. 2019.

Filmografia

Democracia em vertigem (Petra Costa, 2019).

Excelentíssimos (Douglas Duarte, 2018).

Já vimos esse filme (Boca Migotto, 2018).

O Muro (Lula Buarque de Holanda, 2017).

O processo (Maria Augusta Ramos, 2018).